

(Separata das Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos “Dr. José Leite de Vasconcelos” – vol. II) – Porto 1960

A guerra dos canudos no Cancioneiro popular do Brasil

1. Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgarmente chamado *Antonio Conselheiro* e também cognominado *Bom Jesus Conselheiro*, o mais famoso chefe carismático do Brasil, surge no cenário histórico do nosso País nas derradeiras décadas do século passado. Sempre vestido num surrado camisolão azul, barbas e cabelos compridos, magríssimo, alimentando-se muito pouco, conversando quase por monossílabos, frequentemente em atitudes contemplativas, o *Santo Conselheiro* gostava, todavia, de pregar aos sertanejos nordestinos, indicando-lhes, nos *conselhos* que dava, o caminho da salvação, condenando o luxo e a dissolução dos costumes, recomendando a prática dos jejuns, combatendo o regime republicano, apontado como criação do demônio. Suas constantes pregações, entremeadas de citações latinas, arregimentaram milhares de fanáticos, homens e mulheres, velhos e moços, muitos dos quais abandonavam seus lares, desfazendo-se mesmo dos bens que possuíam, para seguir o singular peregrino cearense nas suas constantes caminhadas através dos ínvios sertões brasileiros, onde o beato ia levantar cemitérios e construir igrejas. Em 1893, depois de muito peregrinar nas terras da seca, *Antonio Conselheiro* ficou morando no pequeno arraial de *Canudos* situado à margem esquerda do rio Vaza-Barris, em pleno sertão da Bahia, numa posição depois considerada estratégica. O crescimento vertiginoso e impressionante da localidade - que os *conselheiristas* denominavam *Belo Monte* – em pouco tempo transformada numa verdadeira cidadela fanática, onde as autoridades civis e religiosas não exerciam a menor

influência, levou o Arcebispo da Bahia, com o apoio do Governador do Estado, a tentar em 1895, com capuchinhos italianos, restaurar o prestígio da Igreja no seio da comunidade, donde os frades saíram debaixo de assuadas e ameaças. O malogro da missão, comentado na imprensa, não provocou qualquer reação oficial. Pouco mais de um ano decorrido, porém, como constasse que jagunços de *Canudos* iam atacar a cidade de *Juazeiro*, resolveu o Governo do Estado enviar contra eles uma pequena força policial, obrigada a recuar diante da agressividade dos sertanejos fanatizados. Era o começo de uma terrível luta fratricida. O insucesso de duas novas expedições, organizadas com forças regulares do exército, nos primeiros meses de 1897, transformou o caso regional num intrincado problema da Nação. *Canudos* tomou aspecto político; *Antonio Conselheiro* passou a ser apontado como um poderoso agente da restauração monárquica.

Mobilizou-se o País, os bons e leais republicanos foram chamados às armas; uma onda de *jacobinismo* dominou os principais pontos do Brasil. Milhares de soldados marcharam contra o *Império do Belo Monte*, cuja resistência heróica surpreendia e alarmava. Afinal, em Outubro de 1897, terminou, com o extermínio completo dos *conselheiristas* a pugna sangrenta. A tremenda luta dos sertões baianos, que tantas vidas ceifou, é chamada, na *História do Brasil Guerra de Canudos*, acontecimento que teve larga e profunda repercussão no meio do povo, dando, por isso mesmo, origem a um dos nossos mais importantes ciclos de “folclore histórico”, repleto de lendas, histórias, milagres, profecias, cantigas, versos gerais, ditos e expressões concernentes ao tempo do *Bom Jesus Conselheiro*.

2. Não pretendemos, nesta pequena colaboração trazida ao *Colóquio de Estudos Etnográficos “José Leite de Vasconcelos”*, estudar o ciclo mencionado, senão, somente, fixar um dos aspectos do tema geral: o sebastianismo no folclore de *Canudos*. Acreditamos que o assunto poderá interessar aos ilustres

mestres portugueses aqui presentes, aos quais desejamos prestar, com sinceridade e efusão d'alma, as homenagens do nosso mais alto apreço.

3. Euclides da Cunha, tomando contacto com o sertão baiano nos últimos dias da *Campanha de Canudos*, por ele memoravelmente estudada em livro imortal, constatou que o *sebastianismo* continuava vivo naquele longínquo pedaço do Brasil. São palavras do escritor: “Nem lhe falta para completar o símile, o misticismo político do sebastianismo. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador nos sertões do norte”¹. A afirmação de *Euclides da Cunha* que o autor teve ensejo de documentar, baseava-se em papéis recolhidos entre os próprios sertanejos vencidos, nas profecias e versos populares avaramente procurados pelos triunfadores. Numa profecia escrita, que *Euclides da Cunha* atribuiu ao *Conselheiro*, estava anunciada, de modo bem confuso, a vinda de D. Sebastião. Eis os seus termos: “Em verdade - vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, dos fundos do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exército. Desde o princípio do mundo que encantou com todo o seu exército e o restituiu em guerra. E quando encontrou-se afincou a espada na pedra, ela foi até os copos e ele disse: “Adeus, mundo! Até mil e tantos a dois mil não chegarás. Neste dia quando sair com seu exército tira a todos no fio da espada deste papel de República”².

Os versos de um *ABC*, igualmente recolhido na fase final da refrega, que consta da caderneta de campo de *Euclides da Cunha*, precioso documento arquivado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comprovam também que *D. Sebastião* estava presente na imaginação das populações sertanejas. O autor

¹ Cunha (Euclides da) – Os Sertões – (Campanha de Canudos) Laemmert e Cia, Rio, 1902, pág. 143.

² Cunha (E.), op. Cit., 1756.

de *Os Sertões* divulgou duas das quadras do *ABC*, onde aparecia o nome do malgrado Rei de Portugal, modificando, todavia, um pouco dos seus dizeres.

Senão, vejamos, como figuram na caderneta e no livro:

*Sebastião já chegou
com tamanho regimento
acabando com o Civil
e fazendo o casamento.*

*D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o civil
E fazendo o casamento.*

*Visita vem fazer
Rei D. Sebastião
Coitadinho daquele pobre
Que estiver na lei do cão.*

*Visita nos vem fazer
Nosso rei D. Sebastião
Coitado daquele pobre
Que estiver na lei do cão³.*

No *ABC*, que deve ter sido escrito antes do início da guerra, há, ainda, uma outra trova alusiva a D. Sebastião. É a seguinte, que Euclides da Cunha deixou de incluir na sua grande obra:

*Ó que reis que formusura
Como é Sebastião*

³ Cunha (E.), op. Cit., pág. 213.

*foi chamado pelo mundo
da portuguesa Nação.*

Jota Sara, poeta popular dos sertões da Bahia, autor do folheto “*História de Antonio Conselheiro*”, publicado há pouco tempo, fala, várias vezes, no nome de *D. Sebastião* a quem atribui relevante papel nos acontecimentos de *Canudos*. O aedo nordestino, que reflete, em muitos pontos do seu livrinho, ideias e informações ainda correntes no meio do povo, inclui até uma quadra cantada no tempo do *Bom Jesus Conselheiro*:

*Construiu em Monte Santo
O caminho da Santa Cruz
o povo dizia na reza:
“Do céu baixou uma luz
Quem não fizer o bem
D. Sebastião já vem
Mandado do Bom Jesus”.*

As alusões de *Jota Sara* ao rei *D. Sebastião* – que evidenciam a mesma atribuída na época de *Canudos*, são as seguintes:

*Reuniu-se tanta gente
Para o dia da Redenção
Esperaram o Salvador
E o Rei D. Sebastião
Gente fazia fileira
Foi a Tróia brasileira
Nos carrascos do Sertão.*

.....
.....
.....

*Desta triste retirada
Que rumaram ao sertão*

*A fome, a sede, o flagelo
Esse povo em oração
Morrer, sofrer e rezar
Porque iam ressuscitar
Com o D. Rei Sebastião.*

.....
.....

*Espalharam mil boatos
Por todo aquele sertão
Em Belos Montes já estava
O Dom Rei Sebastião
Dos montes corria azeite
A água do monte era leite
As pedras convertiam-se em pão.*

5. O ambiente de *Canudos* explica, perfeitamente, a presença de D. Sebastião nas histórias e versos do ciclo folclórico do *Bom Jesus Conselheiro*. Em primeiro lugar porque havia, indiscutivelmente uma tradição *sebastianista* nos sertões do Brasil. Durante a primeira metade do século XIX, por duas vezes, o sebastianismo eclodiu, de modo brutal, no interior pernambucano, próximo, portanto, à região de Canudos. Em 1819 e 1836, conforme o historiador Pereira da Costa, registraram-se os dramáticos episódios da *Santa Pedra* e do *Reino Encantado da Pedra Bonita*, quando a ressurreição do *Encoberto* fôra francamente admitida por grupos sertanejos que viam no reaparecimento do *Rei* o advento de uma era de prosperidade e enriquecimento. Querendo antecipá-la, os adeptos de D. Sebastião foram até ao sacrifício humano, derramando sangue de inocentes crianças. As duas crises de *misticopatia coletiva* terminaram dominadas pela ação policial⁴. Deixaram, porém, raízes no seio das atrasadas e sofredoras populações nordestinas crentes nos milagres do rei *Dom Sebastião*.

⁴ Costa (Pereira da), Folk-lore Pernambucano, Rio, Livraria J. Leite, pág. 33.

Por isso mesmo, quando caiu a monarquia brasileira, de forma surpreendente para os sertanejos, que viram no fato o dedo do diabo, o neto de D. João III surgiu como sendo o herói capaz de restaurar a dinastia dos *Braganças*. Podendo ressuscitar, poderia também operar o milagre da restauração, como ficou patente no documentário folclórico aqui registrado. Tomou, assim, em *Canudos*, o *sebastianismo* feição nova, deixando de ser o “anelo da redenção nacional”, de que falou João Lúcio de Azevedo⁵ para representar, sobretudo, a esperança popular na restauração da monarquia brasileira.

José Calasans Brandão da Silva

⁵ Azevedo (João Lúcio de.), *A evolução do sebastianismo*, Lisboa, Livraria Clássica, 1947, pág. 117.